

A REALIDADE DO PURGATÓRIO

Deus quer a nossa salvação eterna:

“Todo aquele que o Pai me dá virá a mim, e o que vem a mim eu não lançarei fora, porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu, mas os ressuscite no último dia. Esta é a vontade do meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna. E eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,3740).

Enquanto vivemos neste mundo «caminhamos, na fé e não na visão clara» (2Cor 5,7) para a Pátria Celeste. Percebemos, porém, que, nem sempre somos fiéis à vontade de Deus, somos pecadores e continuamos a pecar, embora, procuramos converter-nos, amando a Deus e ao próximo.

A vontade do Pai é que todos cheguem à bem-aventurança eterna, mas, provavelmente, a maioria dos homens termina a vida terrena sem ter alcançado a santidade necessária e, muitos deles, não merecem a condenação eterna do Inferno; por isso, temos de acreditar, e com razão, que depois da morte ainda existe a possibilidade de uma purificação: é o que chamamos de Purgatório.

A vida terrena é caminho de conversão, por isso, podemos dizer que, o que chamamos de «purgatório» começa já neste mundo e continua depois da morte. Acreditamos, portanto, que Deus, no Seu infinito Amor, concede a muitas almas a possibilidade de se purificarem depois da morte.

A realidade do Purgatório

A palavra «purgatório» não se encontra na Sagrada Escritura, mas nela se encontra o seu conteúdo, isto é, a purificação das almas depois da morte. No livro da Sabedoria, o autor sagrado, diz:

As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça e sua partida do meio de nós, uma destruição, mas eles estão na paz. Aos olhos humanos parecem ter sido castigados, mas sua esperança é cheia de imortalidade. Tendo sofrido leves correções, serão cumulados de grandes bens, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si. Provou-os como o ouro no crisol, aceitou-os como um holocausto. No tempo do seu julgamento brilharão, como centelhas através da palha. (Sb 3, 1-7).

Neste mundo, as pessoas têm a capacidade de *merecer* a salvação eterna, observando livremente os mandamentos de Deus e praticando as obras da caridade. O autor

sagrado diz que Deus «*provou-os como ouro no crisol*». Nesse texto, o autor sagrado não está a falar da purificação depois da morte, mas da purificação que Deus realiza nas almas neste mundo, mas em vista da vida eterna; deixa aberta a questão das pessoas que morrem com pecados leves e que precisam ainda de alguma purificação. Judas Macabeu mandou oferecer um sacrifício pelos mortos, testemunhando, assim a fé de que «*os mortos haviam de ressuscitar*»:

«porque, se não esperasse que os mortos havia de ressuscitar, teria sido vão e supérfluo rezar por eles, pois, acreditava que uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente. Era este um santo e pídosso pensamento, por isso mandou oferecer um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas. (2Mc 12,44-46).

Judas mandou que se oferecesse um sacrifício expiatório para que «*os mortos fossem livres das suas faltas*». Este texto, deixa entender que é possível ajudar as almas dos que já morreram oferecendo para eles os sacrifícios previstos pela Antiga Lei. Nesta passagem existe uma afirmação implícita da existência de uma purificação depois da morte, como também afirma a solidariedade dos vivos para com os mortos. Isto é, depois da morte, existe um processo de purificação e que os defuntos podem beneficiar da oração dos vivos. Este processo de purificação depois da morte é precisamente o que nós chamamos de Purgatório.

No judaísmo antigo tinha o costume e orar pelos defuntos. Esta prática foi adotada pelos cristãos com grande naturalidade pela Igreja oriental e ocidental.

As almas dos defuntos, porém, podem ser «aliviadas» mediante a Eucaristia, a oração e a esmola. O facto de que o amor possa chegar até ao além, que seja possível um mútuo dar e receber, permanecendo ligados uns aos outros por vínculos de afeto para além das fronteiras da morte, constituiu uma convicção fundamental do cristianismo através de todos os séculos e ainda hoje permanece uma experiência reconfortante».¹

A existência do Purgatório é uma expressão da Misericórdia Infinita de Deus que «*quer que todos os homens cheguem à salvação*» (1Tim 2,4). É uma doutrina amplamente confirmada por vários Concílios Ecumênicos, como afirmado no parágrafo 1031 do Catecismo:

A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura, a tradição da Igreja fala de um fogo purificador.

¹ Papa Bento XVI, encíclica «*É na esperança que fomos salvos*», 2017, n. 48.

O Catecismo da Igreja Católica ensina:

“Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu”. (Catecismo 1030)

A seguir cita as palavras de São Gregório Magno:

No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma aquele que é a Verdade, dizendo que, se alguém tiver cometido uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no século futuro (Mt 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro (São Gregório Magno, Dial. 4,39).

A palavra «Purgatório» deriva do latim *purgare*, que significa purificar: é a possibilidade que Deus concede às almas, depois da morte, pelos méritos de Cristo. Para essa purificação acontecer, os mortos precisam passar por sofrimentos sensíveis comparados ao fogo.

A imagem do fogo purificador

A imagem do *fogo purificador* encontra-se na Sagrada Escritura, nomeadamente, no Livro do Apocalipse que menciona explicitamente o «*lago de fogo*». Esta imagem refere-se ao Inferno; mais tarde, quando a doutrina começava a ser conhecida, foi aplicada, com as devidas diferenças, ao Purgatório.

De facto, existe uma grande diferença entre o fogo do Inferno e o fogo do Purgatório: o Inferno é tenebroso, o Purgatório é luminoso. O Inferno é povoado por figuras demoníacas terrificantes; o Purgatório é povoado por almas estão em movimento ascendente para o Ceu, sofrem, mas são rodeadas de anjos, a Virgem Maria as protege e consola, e Cristo fazem fluir sobre elas o Seu Sangue redentor.

As almas passam através do fogo purificador, com ouro é purificado pelo fogo no crisol. Este fogo que purifica as almas, não deve ser entendido com sendo um fogo material, é um fogo espiritual, o fogo do Amor de Deus. É o amor infinito de Deus que se manifestou em Cristo o fogo que purifica as almas durante a vida terrena e que continuará a purificá-las depois da morte. como o ouro no crisol.

A oração pelos defuntos

Desde os primeiros tempos, na Igreja começos a orar pelo fiéis defunto, ofereceu para eles sufrágios, especialmente a Santa Missa. Além, disso, recomenda esmolas, as indulgências e as obras de caridade e de penitência:

Levemos-lhe socorro e celebremos a sua memória. Se os filhos de Jó foram purificados pelos sacrifícios de seu pai, por que duvidar que a nossa oferenda em favor dos mortos lhes leva alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer as nossas orações por eles (São João Crisóstomo). (Catecismo 1032)